



GENÉTICA | CAPRINOS

BOER, UMA RAÇA EM EXPANSÃO

Em dezembro passado, a Ruminantes esteve à conversa com David Subtil, atualmente o maior criador da raça de caprinos Boer em Portugal. Agricultor desde 2018, com uma exploração diversificada de bovinos, ovinos e caprinos de carne, David partilha o percurso que o levou a apostar numa raça ainda pouco conhecida no país e a desenvolver, com visão e persistência, um projeto de referência na produção de carne caprina. Por RUMINANTES | Fotos FG

David José Prioste Subtil é agricultor desde 2018, tendo ingressado na atividade por influência familiar. Filho de agricultor, decidiu dar continuidade ao trabalho iniciado pelo pai e seguir as suas pisadas no setor agropecuário.

A exploração estende-se por cerca de 100 hectares e integra atualmente bovinos, ovinos e caprinos de carne. Inicialmente, a atividade estava centrada apenas nos bovinos, tendo os caprinos sido introduzidos mais tarde, em grande parte devido ao gosto do pai por esta espécie. Posteriormente, juntaram-se também os ovinos, consolidando uma exploração diversificada orientada para a produção de carne.

A aposta na raça caprina Boer surgiu naturalmente, uma vez que a exploração já trabalhava com espécies de carne, enquanto os caprinos existentes eram exclusivamente de aptidão leiteira. Na altura, a raça Boer era praticamente desconhecida em Portugal. A escolha não resultou de uma estratégia pré-definida, mas sim da procura por animais de carne de elevada qualidade. Após alguma pesquisa, David descobriu a raça Boer, reconhecida internacionalmente pela excelência da sua carne, e adquiriu o primeiro reprodutor em Évora, ao criador Manuel Ferreira, então ligado à associação da raça. Foi assim que nasceu a paixão pela Boer, presente na exploração desde 2019.

Ao longo destes seis anos, o que destaca no seu percurso com a raça Boer?

Para mim, o principal destaque foi a procura pelos animais no último ano. Ao início ainda estive quase a desistir. Numa primeira fase fui cruzando o macho com as cabras que já tinha na exploração, sobretudo Murcianas e Serpentinhas. Mas em 2021, há cerca de três anos e meio, decidi que ia trabalhar apenas com animais puros.

Passados dois anos da aposta na raça pura, o que mudou na sua perspetiva?

O cruzado é bom, mas não é a mesma coisa que o puro. O puro é puro. Até em termos de rentabilidade não tem nada a ver uma coisa com a outra. Eles comem exatamente o mesmo, mas depois, no momento da venda, a diferença é enorme. Um cruzado pode vender-se por cerca de 70 euros, enquanto um puro pode chegar aos 500 ou 600 euros.

O cruzado é mais rústico do que o puro?

Não, não há diferença. Eu tive muitos cruzados e nunca notei grandes diferenças. Às vezes existe aquela ideia de que quanto mais puro, pior é, por causa das doenças... mas na raça Boer isso não acontece.

Como constituiu o efetivo de 40 fêmeas que tem hoje?

Vendi as cruzadas e comprei fêmeas puras a um criador do Norte. Acabei por lhe comprar todo o efetivo, porque, na altura, era um dos melhores rebanhos que existiam em Portugal e ele pretendia desfazer-se dos animais. Mais tarde, adquiri também algumas fêmeas provenientes de inseminação artificial ao ex-presidente da associação e, recentemente, voltei a comprar-lhe mais um lote. A ideia é aumentar o efetivo das atuais 40 fêmeas para cerca de 70 ou 80.

Quando percebeu que isto podia ser um negócio?

O clique deu-se quando realizámos o primeiro concurso da raça na Feira Nacional de Agricultura. Esse momento deu uma visibilidade completamente diferente à raça e ao negócio. Foi aí que decidi apostar a sério na Boer.

O que mudou no seu manejo?

Antes, os animais praticamente não comiam ração; alimentavam-se essencialmente do que a terra dava e da forragem que produzia. Hoje é diferente. Para ter animais preparados para concursos e exposições, eles têm de estar bem apresentados, brilhantes, e isso obriga a um manejo alimentar mais cuidado.

Quais são as características que destaca na raça Boer?

São animais muito robustos, baixos, largos, fortes e rústicos, que se adaptam facilmente a qualquer tipo de clima. No Alentejo, onde no verão as temperaturas são bastante extremadas, percebi desde logo que suportam bem tanto o calor como o frio. A minha exploração é aberta, apenas com proteção da chuva, e tanto faz estarem 40 graus como 2 graus negativos, eles adaptam-se sem problemas. Ao nível reprodutivo, em dois anos fazem normalmente três “barrigas”, o que é excelente e algo que não acontece em muitas raças puras.

Os machos estão sempre com as fêmeas?

Não, elas não andam sempre com os machos. Eu planeio os partos sobretudo

para Outubro e Janeiro, embora por vezes também haja partos em Maio. Aliás, neste momento já tenho algumas fêmeas cobertas para parirem nessa altura.

Em média, com que peso nasce um cabrito?

O peso normal ao nascimento anda entre os 4 e os 5 quilos.

Com que idade é feito o desmame e qual é o ganho médio diário?

O desmame é normalmente aos 120 dias, ou seja, aos quatro meses, com pesos à volta dos 30 a 35 quilos. O ganho médio diário situa-se entre os 200 e os 300 gramas.

Durante este período dá-lhes ração?

—Sim. Os cabritos começam desde cedo a comer a mesma mistura das mães, à base de soja e cereais. É uma forma de se irem habituando e de evitar problemas de diarreias.

Vende animais para carne?

Apenas os que apresentam algum defeito. Os restantes são todos para genética. Normalmente vendo-os com cinco a seis meses, já com 40 a 45 quilos.

Tem facilidade em vender esses animais para carne?

Tenho, sim. O problema é que o cabrito grande não tem grande saída no mercado, e isso não acontece apenas com esta raça, mas com todas. A maioria das pessoas ainda não conhece este tipo de carcaça. Não têm noção de que estão a consumir a carne com menos gordura que existe no mundo. É, inclusivamente, a única carne hipoalergénica. Poderia até ser comercializada em formato de compotas para bebés. Muita gente desconhece isto, mas é a única carne no mundo que poderia ser utilizada para esse fim.

E no caso de animais adultos?

Sim, tanto de animais jovens como adultos. É uma carne com um teor de gordura extremamente baixo. Mesmo os nossos cabritos, quando ainda estão a leite, apresentam pouca gordura. Eu próprio já comi cabritos com dois meses e a gordura não tem nada a ver com a de um serpentino, por exemplo. É completamente diferente.

O que diferencia a genética que produz das restantes existentes no mercado?

Nos animais vermelhos sou o único a produzir, portanto não tenho concorrência. No tipo tradicional, considero que sou dos criadores com maior variedade genética e



menor consanguinidade, porque recorro bastante à inseminação artificial. Não sou o único, mas talvez existam apenas mais dois criadores a trabalhar dessa forma.

Que critérios utiliza na selecção genética?

Tento sempre escolher os animais que, para mim, são os melhores. Procuro exemplares com a cabeça convexa, formando uma curva homogénea até à ponta do corno, algo que hoje em dia não é nada fácil de encontrar. Dou também muita importância a animais com um peito muito largo.

A performance é um critério determinante?

Não particularmente, porque, de um modo geral, todos andam dentro do mesmo padrão. Atualmente, em Portugal, temos animais muito bons em termos de performance e de cabeças. Ainda assim, o nosso objetivo é aproximarmo-nos cada vez mais do tipo ideal da África do Sul. O que ainda nos distingue deles é, essencialmente, a conformação da cabeça.

Que tecnologias utiliza no melhoramento genético?

Utilizamos a inseminação artificial. A transferência de embriões está prevista para este ano, em setembro, e será a primeira vez que a vamos realizar.

Qual é a taxa de sucesso em cada uma das técnicas?

No caso da inseminação artificial, por laparoscopia, conseguimos taxas de sucesso entre os 50 e os 70%. Já na transferência de embriões, a taxa de sucesso é mais baixa, entre 20 e 30%.

Quais são as estratégias de manejo para maximizar o potencial genético?

Os animais estão sempre em pastoreio e recebem diariamente um complemento

alimentar, de manhã e à noite.

E em termos de sanidade?

São animais muito resistentes. Nunca tive problemas graves.

Os animais adaptaram-se ao seu manejo, ou o manejo foi ajustado aos animais?

Não, eu sempre utilizei o mesmo sistema de manejo. Trabalho assim há cerca de dez anos, por isso os animais adaptaram-se facilmente. Além disso, estamos numa zona onde a temperatura mínima pode chegar aos -3 °C e a máxima aos 43 °C; já houve mesmo picos de 46 °C.

Qual é a procura atual por genética Boer?

A procura é muito elevada. Posso dizer que, para os próximos três anos, tanto para fêmeas como para alguns machos, já existe uma lista de espera significativa, exclusivamente para criadores de genética.

Qual é o perfil do comprador?

Neste momento, o mercado é exclusivamente de genética. Não existe ainda um mercado de cruzamento industrial. A procura é tão elevada que nem sequer nos estamos a preocupar, para já, com o mercado da carne. No entanto, sabemos que essa fase acabará por chegar e já pensamos nisso. Passará, por exemplo, por trabalhar com animais cruzados, em parceria com produtores que têm cabras serpentinas. Basta mostrar-lhes um macho desta raça para perceberem que a carcaça é muito superior: não tem nada a ver com um serpentino puro ou com uma murciana pura, é completamente diferente. Um cruzamento Boer x Murciana não provoca problemas ao parto, os cabritos nascem normalmente pequenos e depois apresentam um desenvolvimento extraordinário, com ganhos muito superiores aos obtidos em linha pura, até

porque as cabras de leite, regra geral, não criam os chibos ao pé da mãe.

Quais são os principais desafios da raça em Portugal?

O principal desafio é crescer em número de criadores e de animais. Atualmente temos cerca de 25 criadores e 300 fêmeas inscritas, e o objectivo é chegar, nos próximos três anos, aos 50 criadores e a cerca de 1000 reprodutoras. A grande limitação é que muitos dos criadores atuais dispõem de pouca área, entre 1 e 1,5 hectares, o que não lhes permite crescer. Entrámos recentemente para a direção da associação de criadores e definimos como prioridade apostar em animais de elevada qualidade, de topo, para que a Europa reconheça que estamos a trabalhar bem. Somos os únicos a realizar genotipagens dos animais e provas de paternidade. Fazemos análises de ADN que comprovam, com base em resultados laboratoriais, quem são efetivamente os progenitores de cada animal. Atualmente, somos a única associação na Europa a fazê-lo. Se continuarmos este trabalho, acreditamos que seremos uma referência europeia.

Como imagina a raça Boer, em Portugal, daqui a 10 anos?

Com cerca de 100 criadores, entre 3000 e 4000 reprodutoras, e como uma raça de prestígio e de referência para o resto da Europa. E, naturalmente, com a carne reconhecida como sendo de excelente qualidade.

Que conselhos deixa a novos criadores?

Antes de mais, devem assegurar-se de que estão a adquirir animais certificados. Devem crescer de forma gradual, assegurar-se de que estão verdadeiramente apaixonados pela raça e escolher sempre os seus animais junto dos melhores criadores. (